

DOCO-MEÇO

anotações para uma memória do DOCOMOMO Brasil entre 1992 e 2008

Hugo Segawa

Doutor, FAU-USP, segawahg@usp.br

Coordenador geral da comissão executiva do DOCOMOMO Brasil 2002-2007

Membro do Advisory Board do DOCOMOMO International entre 2004 e 2008.

Meu primeiro contato com o DOCOMOMO International está registrado na Docomomo Newsletter de janeiro de 1993: edição que se reporta à segunda conferência realizada em setembro de 1992 em Dessau, na sede da Bauhaus.

Em agosto de 1992, escrevi para a direção do DOCOMOMO. Traduzo o trecho da única carta publicada na revista:

Examinei o programa final da conferência e tive uma sensação incômoda sobre os assuntos tratados pelo DOCOMOMO. Gostaria de observar que o DOCOMOMO parecia estar ocupado principalmente com manifestações regionais, ou seja, tendências europeias do movimento moderno, e escassamente com o significado amplo da arquitetura moderna do século 20 em todo o mundo. Foi inesperado para mim que já na segunda reunião o DOCOMOMO pudesse especializar o assunto dessa forma, ao contrário do que imaginei de um "grupo de trabalho internacional" interessado no movimento moderno em geral. [...]

Não é do nosso interesse (quero dizer, da América Latina) estarmos envolvidos em grupos de trabalho eurocêntricos ou que adotem qualquer outro tipo de preconceito regionalista que negue a diversidade ou o que na França se chama alteridade.¹

A resposta do secretário geral do DOCOMOMO, Wessel de Jonge, era de outubro de 1992, pós-conferência. Reproduzo um trecho:

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que atribuo grande valor à sua franca declaração, porque acho que provavelmente você está certo em sua observação (...). No entanto, meu segundo ponto deve ser adicionado imediatamente: vamos mudar isso! [...]

O mais importante é que você está certo, mas estamos tentando ampliar o escopo do DOCOMOMO. Anna Beatriz Galvão provavelmente já lhe contou sobre a mudança de abordagem que o DOCOMOMO adotou na

Bauhaus, após as inspiradoras contribuições dos países latino-americanos (incluindo especificamente Argentina e Brasil) durante várias discussões e no Conselho DOCOMOMO. Isso acabou levando a uma mudança de princípio no que o DOCOMOMO deveria considerar como "moderno".²

Não fosse Anna Beatriz Galvão, então mestranda da FAU-UFBA, não teria me envolvido na querela. Ela tinha contato nos Países Baixos, que consolidavam a iniciativa de Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge, da University of Technology de Endhoven, para a criação de um organização não-governamental voltada ao estudo e conservação das realizações do movimento moderno. Sugeriu que eu enviasse um trabalho para a reunião que estavam preparando para acontecer em Dessau.

Os bastidores da carta na Docomomo Newsletter não se explicitam na publicação. Colaborando na articulação de Anna Beatriz Galvão, submeti uma comunicação para a conferência na sede da Bauhaus, tratando da arquitetura moderna no Brasil. Era um modo de reforçar a presença brasileira na reunião. Naquele momento, estava concluindo a escrita do livro *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, publicado seis anos depois. Meu paper foi recusado – que, em qualquer hipótese, faz parte do jogo.

No entanto, quando tomei conhecimento do programa final, constatei que havia um trabalho sobre Lucio Costa e Affonso Eduardo Reidy de autoria de um holandês. Era Paul Meurs – um estudante que havia circulado pela FAU USP como pesquisador visitante, que se tornou depois um eminente brasilianista e um grande amigo. Havia cinco participantes canadenses, um norte-americano, uma argentina, uma brasileira (Anna Beatriz); comunicações sobre a Indonésia e África do Sul apresentadas por nativos dos países colonizadores. No mais, europeus de gema e russos.³

O teor da minha carta nasceu (a) como um libelo contra a discriminação de autores não-europeus e (b) como queixa de um participante ativo do SAL (Seminários de Arquitectura Latinoamericana) que pregava a construção de um olhar próprio sobre nossas realidades – o que atualmente é uma atitude chamada de pensamento decolonial.

Logo após sua participação na reunião de Dessau, Anna Beatriz Galvão me telefonou para contar sobre as novidades. E para que eu me engajasse na formação do núcleo brasileiro, nos termos do nascente capítulo que se organizava na UFBA.

PRIMEIROS PASSOS E “CONEXÃO PAULISTA”

Felizmente José Carlos Huapaya Espinoza e sua equipe resgataram a memória dos seminários iniciais do DOCOMOMO Brasil: o primeiro, em 1995⁴ e o segundo em 1997.⁵ Temos, nas duas publicações, o que foi possível recuperar dos eventos realizados há mais de duas décadas; e anotações compiladas posteriormente, todavia, com dados sem a revisão prévia daqueles que neles estiveram.⁶

Evidentemente, a memória sem rodeios é das pessoas que estiveram diretamente envolvidas na fundação e consolidação do DOCOMOMO Brasil – que é preciso registrar. Em especial, de Anna Beatriz Ayrosa Galvão. No entanto, olhando de fora, via no pequeno grupo em Salvador, que deu origem ao DOCOMOMO Brasil, forte presença feminina.

Entre outras, ademais de Anna Beatriz, Ana Fernandes, então coordenadora do Mestrado em Arquitetura (1991-95), deu o aval para instalar o DOCOMOMO na UFBA. É preciso recordar que a pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo estava em formação: até 1998, o único doutorado em funcionamento no país era o da FAU USP. Organizar eventos científicos e redes de pesquisa eram novidades em nosso meio.

Ângela West Pedrão foi uma ativa militante, a quem devemos a produção do magnífico vídeo com os depoimentos de Walter Gordilho, Carmen Portinho (1903-2001) e Antônio Bezerra Baltar (1915-2003). Os últimos dois, então com 94 e 82 anos, deslocaram-se, firmes e fortes, do Rio de Janeiro e do Recife respectivamente, para as notáveis falas de uma das sessões durante o 2º Seminário [Fig. 1].⁷ Depoimentos e homenagens aos mestres se tornaram um padrão nos programas dos seminários nacionais e regionais.

Figura 1: Ângela West Pedrão, Carmen Portinho, Antônio Baltar e Anna Beatriz Galvão (esquerda para direita), após a sessão de depoimentos no 2º Seminário DOCOMOMO Brasil, em Salvador.



Fonte: Acervo do autor.

Uma outra figura, discreta, mas fundamental, foi Mirthes Baffi. Ela fazia parte da “conexão paulista” da seção baiana, como eu e o grupo de professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, hoje IAU-USP. Quando da vigência da coordenação do DOCOMOMO em São Paulo, entre 1999 e 2007, Mirthes esteve revezando em distintas posições ao longo das gestões, sem nunca ter assumido a cabeça de chave, tocando o trabalho de bastidores. É a ela que devemos,

entre outras coisas, a segunda consolidação do Estatuto da Associação de Colaboradores do DOCOMOMO Brasil de 2008, ainda em vigor.

A “conexão paulista” foi viabilizada com o apoio de Lúcio Gomes Machado, professor da FAU USP, que, como um dos curadores da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de 1999, introduziu dentro do evento o 3º Seminário DOCOMOMO Brasil.⁸ [Fig. 2] Gomes Machado foi o primeiro coordenador (2000-2001) do DOCOMOMO em sua etapa paulista, início da diversificação regional do capítulo brasileiro com a realização do 4º Seminário DOCOMOMO Brasil na Universidade Federal de Viçosa, organizado por Marta Camisassa. O Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos/USP abrigou a coordenação entre 2002 e 2005, e a FAU USP no biênio 2006-07. Em 2008-09, coube ao PROPARG da UFRGS prosseguir, liderado por Carlos Eduardo Comas.

Figura 2: Capa dos anais em CD do 3º Seminário DOCOMOMO Brasil em São Paulo, 8 a 11 de dezembro de 1999.



Fonte: Projeto gráfico de Alexandre Penedo.

O ESPÍRITO DE REDE

Na primeira década do século, algumas ideias nortearam a constituição do DOCOMOMO Brasil, que permeiam o Estatuto de 2008. Elas estão nas entrelinhas, sem constituir cláusulas pétreas, e orientaram as ações nos primeiros anos.

O DOCOMOMO Brasil surgiu olhando o estatuto do internacional, mas configurou um modelo próprio, descentrado, sem uma estrutura rígida de organização. Diferentemente da composição de participantes no plano internacional, na qual havia uma mescla de acadêmicos com profissionais

dedicados ao restauro e instituições de preservação, no Brasil prevaleceu o nascente sistema de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, com pouquíssimos escritórios dedicados à área – um mercado nascente para intervenções em arquitetura moderna, mas não na escala desenvolvida na Europa e Estados Unidos. A personalidade do DOCOMOMO Brasil se moldou na pesquisa universitária, institucionalmente ancorada em escolas de Arquitetura e Urbanismo.

Ideou-se como uma rede de interesse temático, que deveria surgir do entrosamento das partes, e não de um comitê central e sua malha capilar. O modelo a se evitar era a hierarquia do Instituto de Arquitetos do Brasil e seus departamentos: a descontinuidade de suas partes (como uma representação em cada Estado, nem sempre possível) gerava um vazio organizacional dispensável em uma rede que só faria sentido havendo ativistas responsáveis e eventos congregadores. O conceito era de uma rede interligada de pessoas em livre comunhão associativa (evidentemente derivada nos princípios do DOCOMOMO International), esquivando-se de hierarquismos.

Na medida que havia o compromisso de promover encontros nacionais organizados bianualmente, como alternância ao internacional, um modo de mobilização foi promover encontros regionais e locais, em um cenário relativamente rarefeito de discussão em arquitetura e patrimônio, sobretudo o moderno – a grande questão quase inexistente até no debate internacional. Vale recordar que as reuniões científicas em urbanismo, planejamento e história das cidades estavam então mais bem consolidadas, mas não se voltavam a essa temática.

São Paulo, no contexto da “conexão paulista” e como sede da coordenação, apoiou as primeiras iniciativas de alcance local: em 1998, o 1º Encontro e Seminário DOCOMOMO Estado de São Paulo em São José dos Campos (organizado pelo Grupo de Trabalho Vale do Paraíba/Alto Tietê); em 2002 o 2º Encontro e Seminário em Taubaté (o mesmo GT anterior, com o apoio do Curso e Arquitetura da UNITAU); em 2004 o 1º Seminário DOCOMOMO Cidade de São Paulo (realizado no Curso de Arquitetura do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo) e o 3º Seminário DOCOMOMO São Paulo em 2005 (realizado no campus do Mackenzie, coorganizado pelo Programa de Pós-graduação de Arquitetura do Mackenzie e o Centro Universitário Belas Artes) [Fig. 3]. Em todas essas iniciativas, o Prof. Ademir Pereira dos Santos foi fundamental. Foram reuniões que antecederam, ensaiaram e amadureceram a proposta de eventos regionais mais amplos para expandir os acolhimentos de mais participantes.

Figura 3: Cartaz do 3º Seminário DOCOMOMO Estado de São Paulo, organizado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com apoio do Centro Universitário Belas Artes em 2005



Fonte: Cortesia dos organizadores.

Nesse espírito surgiram os núcleos do Pernambuco e do Rio Grande do Sul, ambos destacando-se pela posterior consolidação institucional do DOCOMOMO Brasil. No Nordeste, patrocinado pelo CECI (Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada) e pelo Departamento de Arquitetura da UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco, lançou-se a chamada de trabalhos do 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste em dezembro de 2005, para acontecer em 2006. Porque Norte-Nordeste? No início do século havia programas de pós-graduação (majoritariamente mestrados) e cursos de especialização nos Estados nordestinos, mas nada semelhante na região Norte. A resultante é que não houve adesão nordestina no primeiro evento. A primeira coordenação do núcleo DOCOMOMO PE foi composta por Guilah Naslavsky, Fernando Diniz Moreira e Isabella Leite Trindade, abrigado na UNICAP [Figs. 4 e 5].

Figura 4: Cartaz de divulgação do lançamento, no ano seguinte à realização do seminário, da antologia *Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: Universalidade e diversidade*, organizada por Fernando Diniz Moreira, reunindo uma seleção de comunicações do evento.



Fonte: Cortesia dos organizadores

Figura 5: Hugo Segawa, Geraldo Gomes da Silva e Acácio Gil Borsoi (esquerda para direita): conversa entre sessões do 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nordeste, 8 a 11 de maio de 2006.



Fonte: Cortesia dos organizadores.

No começo de 2006 o PROPARG da Universidade Federal do Rio Grande do Sul lançou a chamada do 1º Seminário DOCOMOMO SUR [Fig. 6]. Foi feita em português e espanhol, para atrair os países do Cone Sul e, naturalmente, os Estados da região sul do Brasil. Os dois primeiros eventos olharam para um alcance regional e foram bem mais abrangentes que a ação de “departamentos” estaduais.

Figura 6: Divulgação do 1º Seminário DOCOMOMO SUL, promovido pelo PROPARG da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado entre 28 e 30 de agosto e 2006.



Fonte: Cortesia dos organizadores.

Na primeira década deste século, a questão da preservação da arquitetura moderna se tornava um grande tema para a consolidação de pesquisas nos programas de pós-graduação no país e no âmbito dos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

O DOCOMOMO PR formou-se em 2005 na PUC - Pontifícia Universidade Católica do Paraná de Curitiba com a coordenação de Salvador Gnoato e Lauri da Costa. Organizaram o 1º Seminário DOCOMOMO Paraná em 2006, tendo na Comissão Científica pesquisadores da PUC e Unicenp - Centro Universitário Positivo (Irã Dudgeon e Leonardo Oba), UEL - Universidade Estadual de Londrina (Jorge Marão) e USP - Universidade de São Paulo (Mônica Junqueira de Camargo). Realizaram o 10º Seminário DOCOMOMO Brasil em 2010.

O Núcleo DOCOMOMO RJ formou-se em 2006 com uma coordenação multi-institucional: UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro (Roberto Segre), UFF - Universidade Federal Fluminense (Marlice Azevedo) e COC/Fiocruz - Casa de Oswaldo Cruz (Renato da Gama-Rosa), que organizou o 1º Seminário DOCOMOMO Rio em 2008, 6º Seminário DOCOMOMO Brasil em Niterói em 2005 e o 8º Seminário DOCOMOMO Brasil em 2009.

Em 2007, surgiram dois núcleos: Brasília, coordenado por arquitetos da Câmara dos Deputados (Danilo Matoso Macedo e Elcio Gomes da Silva), que organizou o 9º Seminário DOCOMOMO Brasil em 2011, e o núcleo Minas Gerais, cuja coordenação fundadora abrigava-se em extensa geografia mineira: UFV - Universidade Federal de Viçosa (Marta Camisassa), PUC -

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Denise Marques Bahia), UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora (Fábio José Martins de Lima) e UFU - Universidade Federal de Uberlândia (Maria Beatriz Camargo Capello) [Fig. 7]. Minas Gerais organizou o 4º Seminário DOCOMOMO Brasil em Viçosa em 2001, como já dito, o 1º Seminário DOCOMOMO Minas Gerais em Uberlândia, em 2010,⁹ e o 12º Seminário Nacional em 2017, também em Uberlândia.

Figura 7: Encontro dos fundadores do DOCOMOMO MG em 2007: no meio, em branco, Marta Camisassa; ao seu lado esquerdo, Denise Marques Bahia; na ponta direita, Fábio José Martins da Silva; ao seu lado, M. Beatriz Capello.



Foto: Acervo do autor.

Alguns dos encontros mencionados não estão registrados na atual página web do DOCOMOMO Brasil, cuja base organizamos em 2007. Essa memória é uma feitura paulatina e colaborativa, que os 30 anos da organização enseja reunir.

A última reunião que tive alguma participação, ao término de meu mandato de coordenador nacional, foi no 2º Seminário DOCOMOMO N-NE realizado na UFBA. Uma década depois de deixar a sede da coordenação, o encontro de Salvador promoveu uma memorável conversa entre veteranos da arquitetura moderna brasileira, honrando a tradição criada na Bahia [Fig. 8]

Figura 8: Pasqualino Magnavita, Acácio Gil Borsoi e Francisco Assis Reis (da esquerda para direita) relaxados após a participação na mesa de depoimentos no 2º Seminário DOCOMOMO N-NE em Salvador.



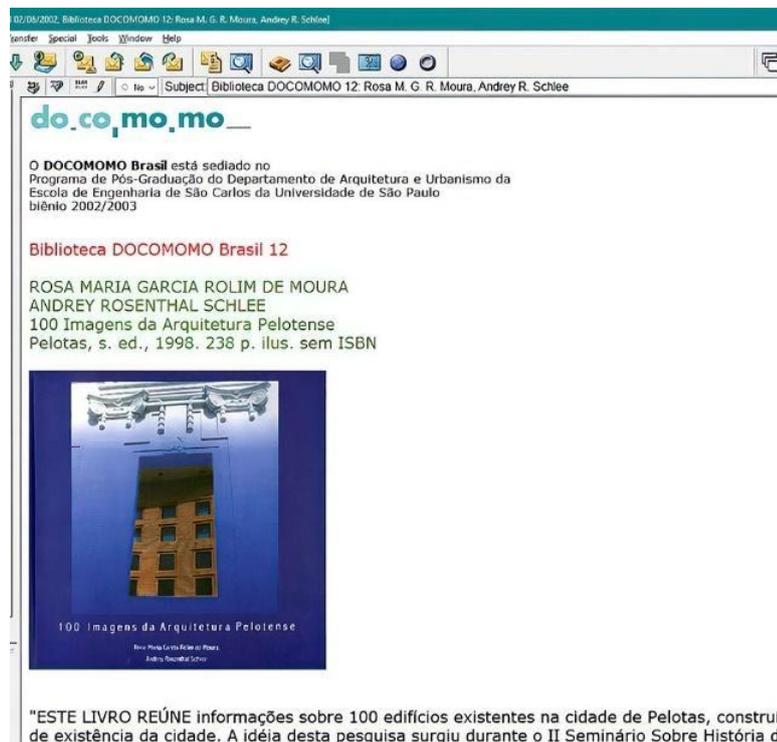
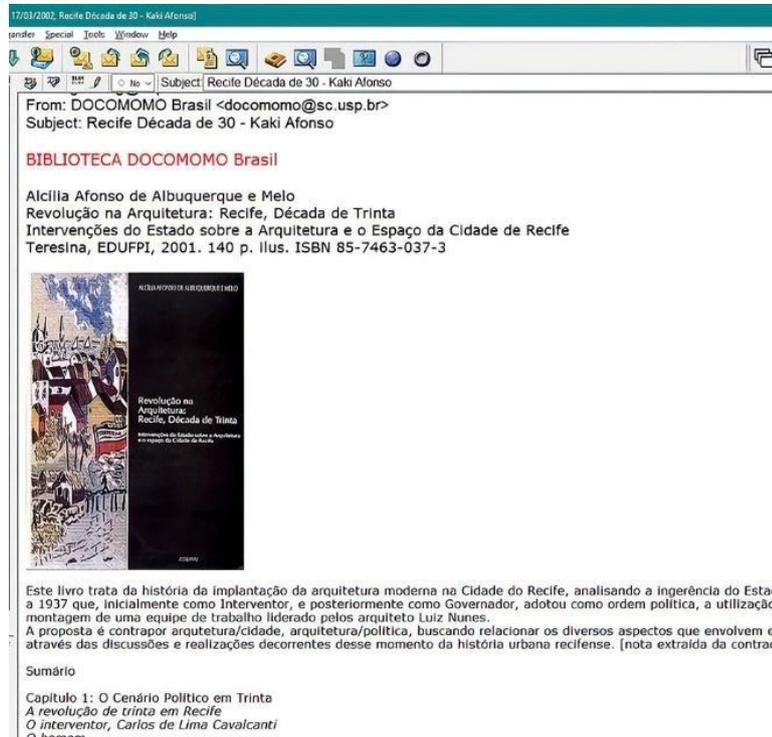
Foto: Acervo do autor.

Outra prática que se consolidou nesses anos, e foi vista como um “modelo brasileiro”: a transição constante de coordenações. Para se ter uma noção: nos 44 anos entre a fundação em 1988 em Eindhoven e a última conferência internacional de 2022, em Valencia, Espanha, o DOCOMOMO International conheceu quatro chairs – efetivamente, três chairwomen. O estatuto brasileiro traduziu essa posição para “coordenador geral” conscientemente. Em várias partes do mundo, há chairpersons que ocupam o posto desde a fundação do capítulo, ou que permaneceram na posição por muitos anos. Reconheço, nos nomes que compõem a estrutura de organização na última edição do Docomomo Journal (nº 67, 2022/2) e na página web, pessoas que ocupavam posições semelhantes desde o tempo que fui membro do Advisory Board ou as conheci percorrendo os corredores das conferências internacionais na década de 1990. Nossa contrarreferência foi o ICOMOS Internacional (em muitos países, dominados por grupos e as mesmas pessoas) e o ICOMOS/BR no século passado, que chegou a ficar inoperante por descontinuidades. O estatuto da ANPUR foi uma referência de partida para a organização jurídica do DOCOMOMO Brasil – como já dito, conduzida por Mirthes Baffi.

DOCO-MEMOS

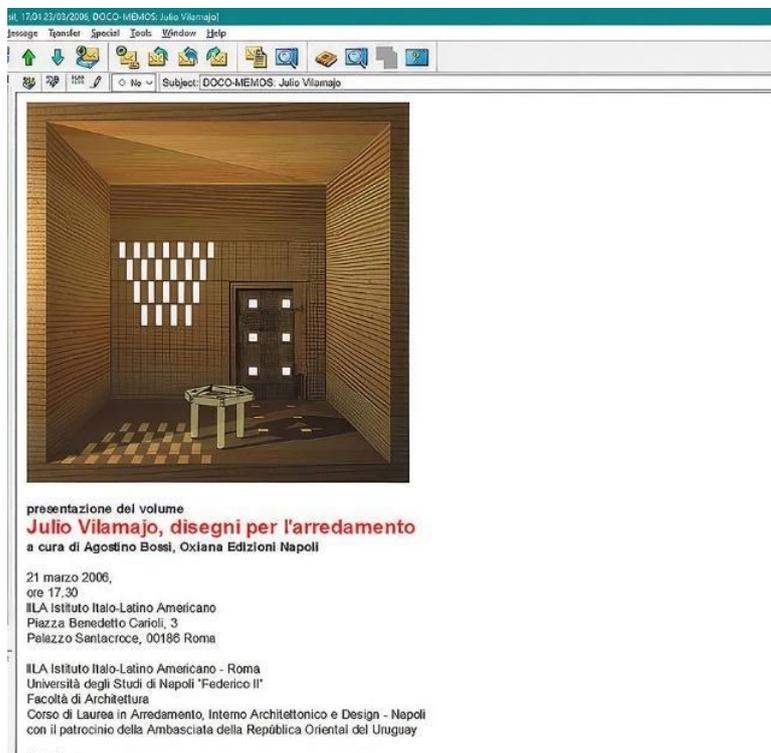
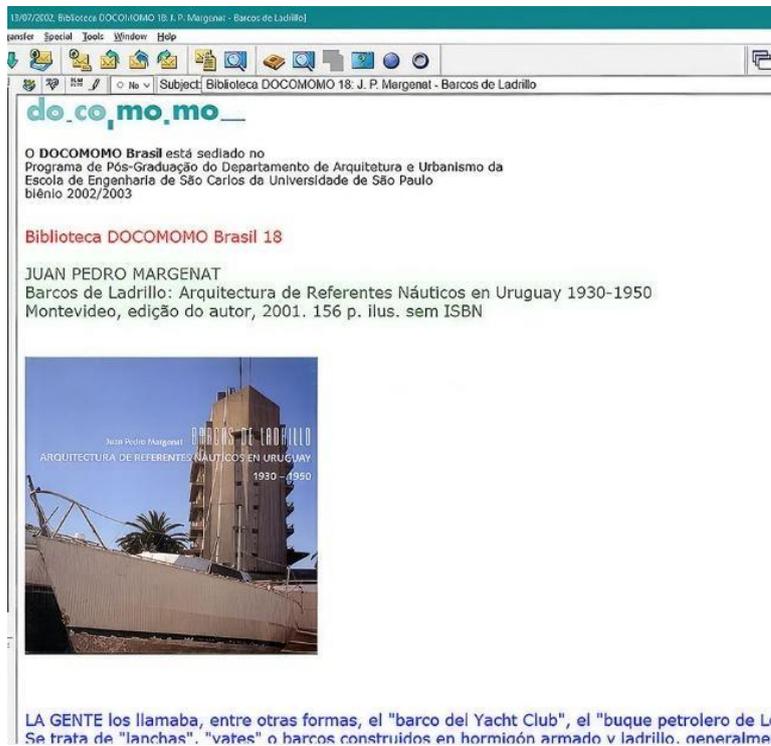
Em uma época em que não existia Google, e os navegadores mais usados na rede mundial de computadores eram o Netscape e o Internet Explorer, e muito antes do surgimento das redes sociais (Facebook, Instagram, o extinto Orkut, etc.), o DOCOMOMO Brasil “inventou” uma forma de comunicação a partir de uma então uma quase novidade: o e-mail. Disseminando para além de filiados, a partir de um e-mailing voltado para arquitetos, pesquisadores, professores e instituições, o DOCO-MEMOS foi um sistema que difundia informações de potencial interesse sobre arquitetura moderna brasileira, latino-americana e vez ou outra fora desses âmbitos, disparados às vezes de 2 a 4 vezes por semana [Figs. 9 a 17]. Naquela altura, nem o DOCOMOMO International mantinha um sistema diário de comunicação eletrônica como o DOCOMOMO Brasil.

Figura 9 e 10: DOCO-MEMOS de divulgação dos livros de Alcília (Kaki) Afonso de Albuquerque e Melo sobre o Recife e Rosa Moura e Andrey Schlee sobre Pelotas, em 17 de março e 2 maio de 2002, respectivamente. Esforço para disseminar a bibliografia brasileira, com ênfase à produção fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo do autor.

Figuras 13 e 14: DOCO-MEMOS com a divulgação do livro do uruguaio Juan Pedro Margenat, em 13 de junho de 2002, e do lançamento do livro sobre o arquiteto uruguaio Julio Vilamajò em Roma, em 23 de março de 2006



Fonte: Acervo do autor.

Figura 15: Divulgação do I Congresso Internacional de Archivos de Arquitectura, em 27 de agosto de 2003. Preocupação que recentemente impactou a documentação e pesquisa das universidades brasileiras.



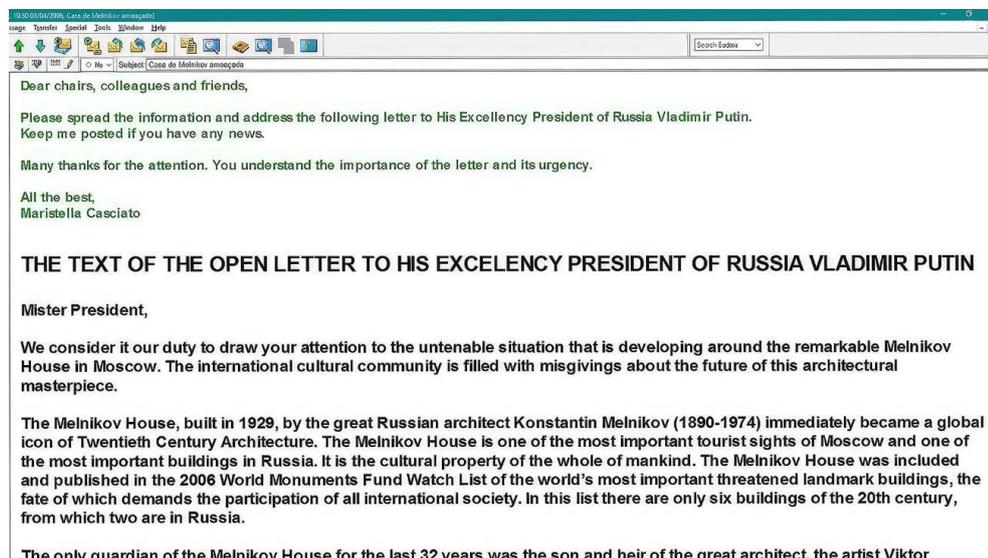
Fonte: Acervo do autor.

Figura 16: Campanha pela preservação do Pavilhão da Venezuela em Santo Domingo, República Dominicana em 25 de setembro de 2003. O DOCOMOMO Brasil, mediante os DOCO-MEMOS, disseminava informes de solidariedade internacional.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 17: O título da carta aberta pode insinuar uma mensagem atual, mas foi divulgada em 1º de janeiro de 2006 pelo DOCO-MEMOS. É a transcrição da campanha pela preservação da casa do arquiteto russo Konstantin Melnikov, assinada por Maristella Casciato, então chair do DOCOMOMO International



Fonte: Acervo do autor.

DOCO-AGITOS

Com a “novidade” de então – a conservação e preservação da arquitetura moderna no Brasil –, a visibilidade dos DOCO-MEMOS fez com que a Fundação Roberto Marinho convidasse o DOCOMOMO Brasil para uma consultoria científica, para a organização de um evento celebrando o restauro completo da Igreja da Pampulha e seu entorno. Coordenado pelas arquitetas Sílvia Finguerut e Mariângela Castro, pela FRM, e pelo DOCOMOMO, Hugo Segawa e Fernando Luiz Lara (então um jovem doutor de Michigan, que havia participado da comissão científica do 5º Seminário DOCOMOMO Brasil em São Carlos, 2003), o Seminário Igreja da Pampulha [Fig. 18] ocorreu em 19 e 20 e maio de 2005 na pista de dança do antigo Cassino.

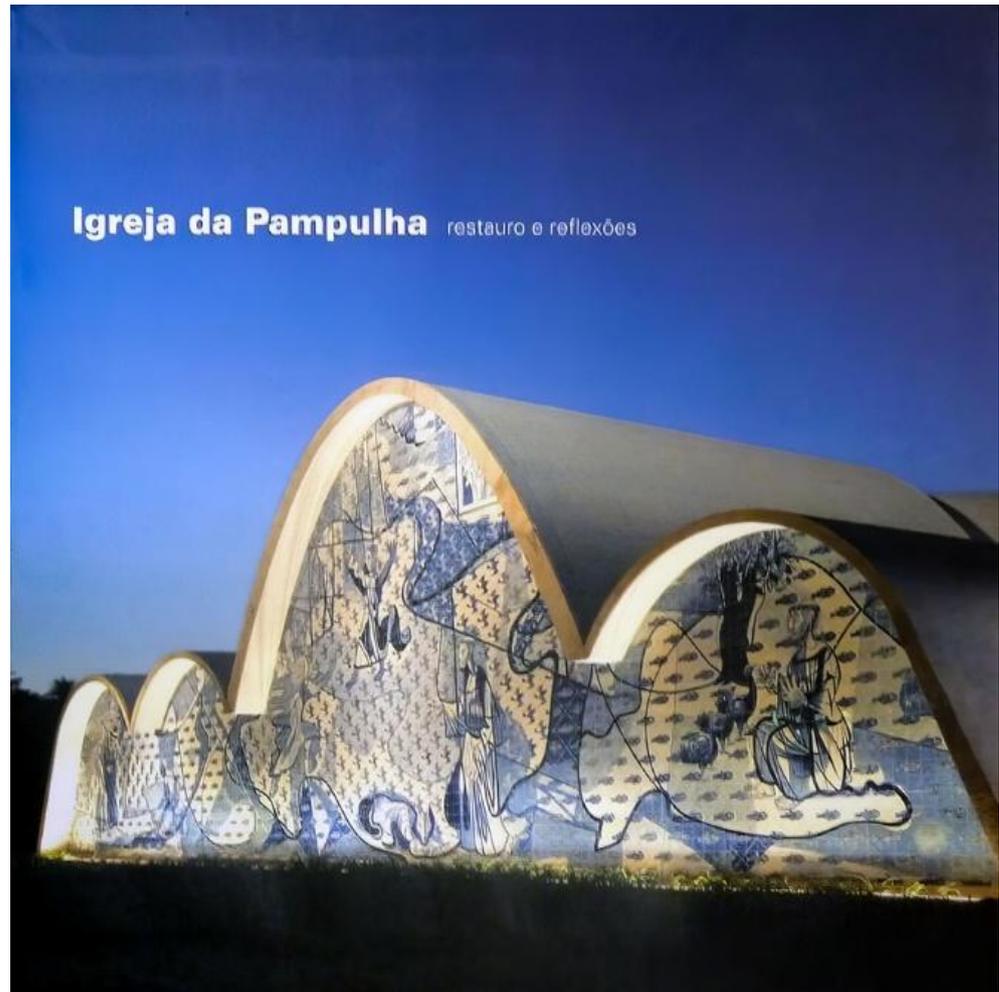
Figura 18: Logo de divulgação do Seminário Igreja da Pampulha, organizado pela Fundação Roberto Marinho em 2005 com a consultoria do DOCOMOMO Brasil.



Fonte: Cortesia dos organizadores.

Falaram, e escreveram capítulos do livro¹⁰ posteriormente editado [Fig. 19], Flávio de Lemos Carsalade, Celina Borges de Lemos, Leonardo Barci Castriota, Guilherme Mazza Dourado, Haruyoshi Ono, Danilo Matoso Macedo, Carlos Eduardo Comas, Agnaldo Farias e Glauco Campello.

Figura 19: Livro reunindo as contribuições apresentadas no Seminário Igreja da Pampulha, editado pela Fundação Roberto Marinho em 2006



Fonte: Reprodução da capa.

Participou como convidado internacional (mas não encaminhou artigo para o livro), o arquiteto e historiador William Curtis [Fig. 20 e 21], de fama consolidada pelo livro *Modern Architecture since 1900*.¹¹ O convidado original seria o espanhol Luiz-Fernández Galiano; ao declinar, indicou Curtis – que nunca havia pisado na América do Sul. Até hoje, em correspondência particular, Curtis se recorda do périplo que organizamos para ele por Belo Horizonte, Brasília e Rio de Janeiro, como palestrante. Foi a primeira e única estadia do autor britânico no país. Não conheço texto que reordene suas posições sobre o Brasil, todas escritas antes da visita para o seminário da Igreja da Pampulha.

Figura 20 (esquerda): William Curtis fotografando a Casa do Baile de Pampulha; Fig. 21: Danilo Matoso Macedo e William Curtis na Igreja da Pampulha.



Fotos: Acervo do autor.

A criação da página web (atualmente remodelada, mas parcialmente consultável em sua versão original¹²) e a elaboração de um manual de identidade visual [Fig. 22, 23] – ambos desenhados pela arquiteta Márcia David (membro do GT Vale do Paraíba/Alto Tietê do DOCOMOMO SP) foram esforços de consolidação da imagem pública do DOCOMOMO Brasil em 2007.

Figuras 22 e 23: Reproduções de páginas do Manual de Identidade Visual do DOCOMOMO Brasil, elaborado por Márcia David em 2007.

do.co.mo.mo_
brasil

cor principal

	C: 77 M: 7 Y: 100 K: 0 R: 57 G: 148 B: 0 Pantone: 370 C
	C: 39 M: 0 Y: 70 K: 19 R: 132 G: 174 B: 86 Pantone: 370 C Tingimento: 70%
	C: 100 M: 100 Y: 100 K: 100 R: 10 G: 11 B: 12 Pantone: Black 6 C

03. logomarca DOCOMOMO Brasil
padrões cromáticos

A logomarca DOCOMOMO Brasil segue os seguintes padrões cromáticos:

Utilização de no máximo duas cores, sendo que a cor principal Pantone 370 C, poderá ser desdobrada em tingimento 70%, conforme variações de aplicações.

Para aplicações de internet, utilizar os padrões RGB.

Para aplicações impressas, utilizar padrões CMYK.

manual de identidade visual | DOCOMOMO Brasil
m.d.a.c. | a.d.a.d. | arquitetura | artes gráficas | webdesign
marciadavid@doco.com.br

03

do.co.mo.mo_
brasil | ba
international working party for
documentation and conservation
of buildings, sites and neighbourhoods of the
modern movement

do.co.mo.mo_
brasil | bsb
international working party for
documentation and conservation
of buildings, sites and neighbourhoods of the
modern movement

do.co.mo.mo_
brasil | mg
international working party for
documentation and conservation
of buildings, sites and neighbourhoods of the
modern movement

07. logomarca DOCOMOMO Brasil
núcleos regionais

O s núcleos regionais DOCOMOMO deverão seguir o padrão cromático da logomarca DOCOMOMO Brasil, acrescentando ao lado da assinatura Brasil, a sigla correspondente. Utilizar barra e fonte Futura Md BT Bold. Manter espaçamento entre caracteres (25%).

Veja exemplos.

manual de identidade visual | DOCOMOMO Brasil
m.d.a.c. | a.d.a.d. | arquitetura | artes gráficas | webdesign
marciadavid@doco.com.br

07

Fonte: Acervo do autor.

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NO DOCOMOMO INTERNACIONAL

Foi a maior ousadia o Brasil organizar a 6th International DOCOMOMO Conference em 2000. Quando Anna Beatriz me consultou a respeito, achei uma grande temeridade. Mas a motivação era potente: quarenta anos da fundação de Brasília, a primeira realização moderna reconhecida pelo World Heritage Center da Unesco. O arrojo dependeu da cumplicidade de Sylvia Ficher e Frederico de Holanda para que a Universidade de Brasília acolhesse a empreitada. Ambos foram brilhantes na defesa da candidatura única na assembleia geral do DOCOMOMO de 1998 em Estocolmo: demoveu em parte as resistências – com ajuda dos fundadores Hubert-Jan Henket e Wessel de Jonge, que conheceram e acompanharam no Brasil os seminários nacionais –, mas não as eurocêntricas desconfianças gerais.

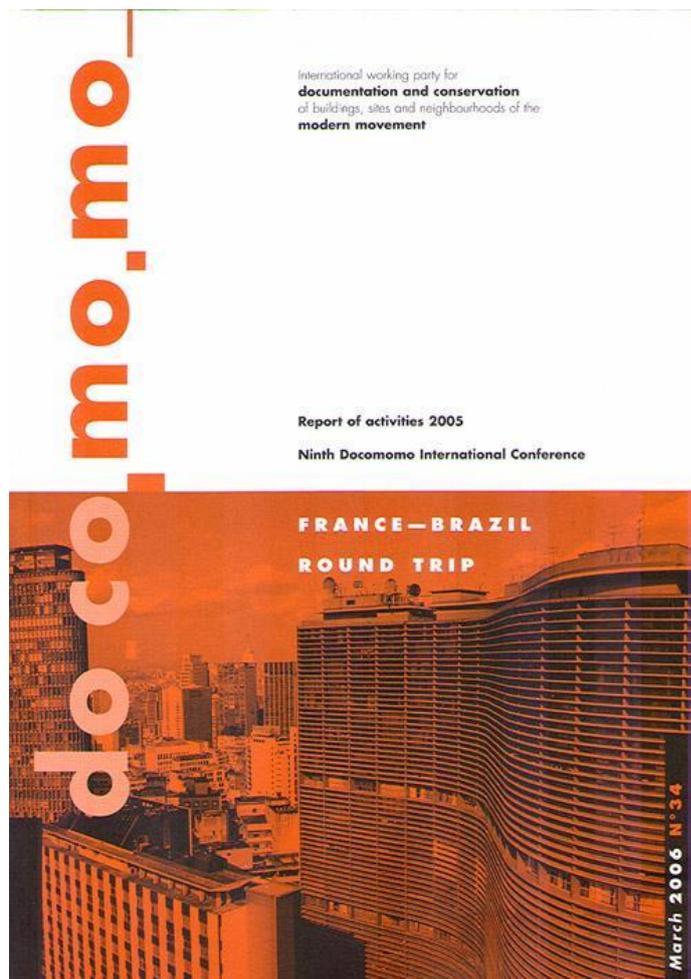
O Brasil tinha uma boa imagem, pelo trabalho diplomático do DOCOMOMO Brasil e iniciativas consequentes, como a proposta de criação do ISC (International Specialist Committee) de Urbanism & Landscape, com sua primeira coordenação ocupada por Marco Aurélio Filgueiras Gomes. A inclusão do paisagismo neste ISC foi um cavalo de batalha: só os brasileiros poderiam apresentar o argumento da modernidade de Roberto Burle Marx.

Creio que o evento realizado no Minhocão da UnB em setembro de 2000 foi um turning point para a imagem da arquitetura moderna brasileira. Não era difícil perceber o fascínio dos visitantes que conheciam Brasília apenas pelos livros, e a má-fama disseminada internacionalmente nas primeiras décadas de sua existência¹³ não correspondia à realidade que constataavam presencialmente. Ao contrário. A desconfiança virou admiração.

O sucesso da reunião de Brasília, o peso da participação brasileira nos seminários, os DOCO-MEMOS (que eram enviados para fora do Brasil, quando assunto era pertinente, em e-mailing reunindo quase todos filiados internacionais) pavimentaram a participação do Brasil no primeiro Advisory Board do DOCOMOMO International, criado na assembleia de Nova York em 2004. O critério original da composição de seus membros foi parcialmente geográfico, parcialmente termômetro de prestígio na época: um dos fundadores do DOCOMOMO (Wessel e Jonge), países nórdicos (Maija Kairamo, Finlândia), países ibéricos (Lluís Hortet i Previ), América do Norte (Theodor Prudhon - um holandês radicado nos Estados Unidos – e France Vanlaethem – canadense de fala francesa, uma questão diplomática creio que até hoje não resolvida), Oceania (Scott Robertson, Austrália), Ásia (Hiroyuki Suzuki, Japão) e América Latina (Hugo Segawa).

A boa fama brasileira e a assustadora (para outros capítulos internacionais) participação de brasileiros nos encontros internacionais, facilitaram a realização do primeiro número especial (sucedido por outro, mais tarde) do DOCOMOMO Journal dedicado ao Brasil. A edição de março de 2006 [Fig. 24] teve como guest editor a brasileira Anat Falbel que, junto com a chair do DOCOMOMO, Maristella Casciato, reuniram autores brasileiros (Maria Stella Bresciani, Mônica Junqueira de Camargo, Roberto Segre, a própria Falbel) e franceses (Yannis Tsiomis, Gérard Monnier), que produziram o dossiê Transatlantic Impressions – France- Brazil Exchanges,¹⁴ a partir de um simpósio organizado na Maison de France na Cité Universitaire de Paris, em 20 de junho de 2005.

Figura 24: Edição do Docomomo Journal de 2006 dedicada ao Brasil.



Fonte: Reprodução da capa.

Na gestão de Maristella Casciato o DOCOMOMO International ofereceu em 2007 e 2008 apoio para o desenvolvimento de pesquisas. Era a Summer Residence Grant in Paris, então cidade-sede do organismo, para as quais se poderiam apresentar pessoas de qualquer parte do mundo. As candidaturas deveriam responder ao edital, de forma sucinta, ao seguinte: (1) uma declaração de três páginas sobre seu projeto de pesquisa, explicando a necessidade de passar dois meses em Paris e os resultados que pretendem atingir durante sua estada; (2) um cronograma de trabalho de uma página; (3) um currículo de uma página; (4) uma breve declaração explicando suas atividades e compromisso com a DOCOMOMO. O comitê de análise foi formado por parte do Advisory Board, e as avaliações foram feitas e decididas mediante troca de e-mails. Nas duas edições, as bolsas foram concedidas para brasileiras: Anat Falbel e Guilah Naslavsky.

O DOCOMOMO, quando de sua fundação nos Países Baixos em 1988, talvez não tivesse a ideia no que se transformaria. Concebido dentro de uma bolha europeia, a questão da “documentação e conservação de edifícios, sítios e bairros do movimento moderno”, que conformaram o acrônimo da entidade, com o tempo se mostrou insuficiente para tratar das múltiplas

modernidades e espacialidades. No entanto, não fosse a iniciativa, a consciência da diversidade não teria um palco e um cenário para confrontações. Ao congregarem interessados de todo planeta, o DOCOMOMO serviu como plataforma de uma atitude ausente até a década de 1980 do século passado: a de reconhecer a modernidade recente como bens patrimoniais merecedores de preservação, conservação e restauro, tanto quando os monumentos e artefatos dos séculos que os antecederam. Inegável pioneirismo, para o qual o ICOMOS só despertou na virada para o século 21.

No entanto, na minha percepção, o DOCOMOMO perdeu o bonde. Frente ao crescimento do DOCOMOMO como fórum privilegiado de uma temática e cronologia ao qual o ICOMOS não havia se apercebido, este instituiu o “comitê do século 20”, talvez menos preciso conceitualmente, mas mais abrangente que os sempre discutidos e discutíveis recortes de natureza ideológica e historiográfica que o termo “movimento moderno” pode evocar. Flanando pelos bastidores do DOCOMOMO em sua origem, uma perspectiva que se desenhava então era, entre outras possibilidades, de tornar a entidade o organismo credenciado na expertise de avaliação dos artefatos do movimento moderno para a World Heritage Center da Unesco. Por motivos vários, tal diretriz não se consolidou: o ICOMOS continua como principal entidade de apoio técnico e conceitual para a avaliação dos bens culturais para o WHC. Situação que se espelha no Brasil: o ICOMOS tem uma cadeira no Conselho Consultivo do IPHAN.

Este texto é um acumulado de lembranças, que sequer conseguiu consultar adequadamente uma base de informações contemporâneas ao próprio DOCOMOMO Brasil: o portal Vitruvius, criado no ano 2000. Ainda há uma longa tarefa pela frente – para olhar para atrás. Por isto, não trago uma conclusão. Era só para falar do começo.

NOTAS

1 SEGAWA, Hugo. Eurocentrism. **Docomomo Newsletter**, Eindhoven, n. 8, p. 4, jan. 1993. Tradução do autor.

2 JONGE, Wessel de. Widen DOCOMOMO's scope. **Docomomo Newsletter**, Eindhoven, n. 8, p. 4, jan. 1993. Tradução do autor.

3 Conferir: DOCOMOMO INTERNATIONAL CONFERENCE, 2, Dessau. **Proceedings...** Dessau: Bauhaus Dessau, 1992.

4 HUAPAYA SPINOZA, José Carlos; MOURA, Alexandre Pajeú (Org.). **Universalidade e diversidade do movimento moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil**. Salvador: Instituto de Arquitetos do Brasil/Departamento Bahia; PPGAU/UFBA, 2020. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/LIVRO_ANAIS-I-DOCOMOMO-BRASIL.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2023.

5 HUAPAYA SPINOZA, José Carlos; MARQUES, Rômulo; PESSOA, Thiscianne (Org.). **Arquitetura, espaço público, projeto social, arte e técnica: novas formulações no campo da arquitetura e do urbanismo**. Teresina: EDUFPI, 2019. Disponível em: <<https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2020/04/Docomomo-Brasil-novas-formula%C3%A7%C3%B5es-no-campo-da-arquitetura-e-urbanismo.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2023.

6 É impressão minha. Por deferência de José Carlos Huapaya, pude acrescentar uma nota, em tempo, sobre a publicação da minha comunicação para o 1º Seminário,

alertando que eu não participei presencialmente do evento (HUAPAYA ESPINOZA et al., 2020, p. 39); na publicação do 2º Seminário, consta no sumário uma comunicação atribuída a Alberto Xavier e Hugo Segawa, “Inventário da Arquitetura Moderna no Vale do Paraíba” (HUAPAYA et al, 2019, p. 114-117) que deve ser genuinamente creditada à liderança do Prof. Ademir Pereira dos Santos.

7 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mnU3SVFNKok>>. Acesso em 9 de jan. 2023.

8 Conferir: <https://www.iabsp.org.br/bienais/programacao_plantas_4_bienal.pdf>. No entanto, a matéria publicada na revista AU de dez. 1999/jan. 2000 reproduzida no link do IAB/SP não registra o DOCOMOMO.

9 Conferir registro em: <<https://vitruvius.com.br/jornal/events/read/5>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

10 IGREJA da Pampulha: restauro e reflexões. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

11 CURTIS, William. **Modern Architecture since 1900**. London: Phaidon, 1982. A tradução brasileira (Porto Alegre: Bookman, 2008), baseada em edição revista, traz considerações sobre arquitetura latino-americana, mas não registra as impressões de 2005.

12 Conferir em <<https://docomomobrasil.com/old/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

13 A propósito da mudança de julgamento sobre Brasília, de seus primórdios até a celebração do cinquentenário, ver SEGAWA, Hugo. Brasília: pátina do futuro.

URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 10, n. 3, p. 430–474, 2019. DOI: 10.20396/urbana.v10i3.8654756.

Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8654756>>.

Acesso em: 10 jan. 2023.

14 FRANCE-BRAZIL round trip. **Docomomo Journal**, Paris, n. 34, Mar. 2006. Edição especial.